

#66 Darma Tolo Dudjom Lingpa 2 – RI 2020

Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #66

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Tabela de conteúdos

- [Darma Tolo Dudjom Lingpa \(continuação\)](#)
 - [Relembrando](#)
 - [Não há configuração estável](#)
 - [Espelho](#)
 - [Condição não dual](#)

Darma Tolo Dudjom Lingpa (continuação)

Relembrando

Então, estamos seguindo o texto Darma Tolo, de Dudjom Lingpa. Então, no último parágrafo que nós vimos, ele recomendava, ele está fazendo uma retrospectiva dos vários tipos de recomendações de prática. Ele vai oferecendo aquilo, ele critica também. Ele descreve como que ele viveu aquilo, e como ir adiante, quais são obstáculos que existem. Então essas recomendações de prática nós ouvimos constantemente, e estudamos isso. Então é super importante a gente vê a forma que Dudjom Lingpa apresenta e como que ele também relata a experiência dele. E como ir adiante dos obstáculos, porque as instruções de prática são perfeitas, mas quando olhamos, olhamos sempre à partir da bolhas de realidade que estamos, então nós desenvolvemos obstáculos com relação à essas práticas.

O último parágrafo que nós vimos, ele dizia “então investigue a mente como agente que conjura todos os tipos de pensamentos”. Isso é super importante. Como se fosse o aspecto luminoso, né. Então, a mente não é os pensamentos. Nesses pensamentos, nós estabelecemos também o foco, nós estabelecemos a bolha toda. Nós não damos bem conta, quando abrimos os olhos, tudo aquilo que a gente vê, surge pelos referenciais de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Porque nós surgimos, porque nós nos referenciamos a isso, então a operação da nossa mente segue as configurações que passamos a distinguir. Tomamos aquilo que aparece como relevante, nós focamos aquilo. Quando focamos aquilo, perdemos o aspecto primordial. O aspecto livre. E assim, tomamos uma experiência de visão como base para outra experiência, e depois dessa, essa outra como

base para outra, e assim nós vamos. Então, o pensamento é sempre uma base e um foco. Uma base e um foco. E assim ele vai indo. E então a base e o foco estão juntos. Quando nos damos conta disso, a base e o foco não são confiáveis, eles mudam o tempo todo. Se imaginarmos que a base é confiável, que os pensamentos são só o foco da mente passeando por dentro de uma base, a gente tomou a mente fundamental, ou seja, essa base contaminada, essa base construída, como estável, como referencial seguro, e não é. Essa base muda. Quando nos damos conta que essa base é mutável, aí nós aspiramos, então encontrar aquilo que produz essa base, produz os pensamentos. Aqui então vem esse parágrafo. “Então investigue a mente como agente que conjura, dá origem a todos os tipos de pensamentos”. É como se a gente buscasse a instrução de meditação assim: você localize, para ver se existe um objeto. Nós precisamos ultrapassar a noção de que ela vem a ser um objeto. A primeira coisa que a gente faz é procurá-la enquanto um objeto. Algo que eu posso olhar separado.

Então, se eu posso vê-la através de olhos, ouvidos, nariz, língua, tato, ou distinguir de algum modo com a mente, ela tem que ter uma aparência, cor e forma, etc. Então eu preciso ultrapassar isso, para localizar o aspecto central dessa visão.

“Investigue a mente como agente que conjura todos os tipos de pensamento, buscando sua aparência, cor e forma, bem como sua fonte, começo e fim. Se ela realmente existe ou se é totalmente inexistente”. Fazendo isso, uma vez que você determinou com confiança que ela não pode realmente ser apontada de modo algum, você não encontra nenhuma aparência, e nenhuma aparência externa que possamos dizer “bom, agora eu olho esse conjunto de visões, essa bolha, e isso é minha mente”. (0:5:36)

Não há configuração estável

Se a gente entender que não há nenhuma configuração estável, que possamos apontar como a mente, você entrou no caminho. Ainda assim a mente está lá, porque ela produz as aparências. Mas ela mesma não chega a ser uma aparência. Então quando nos damos conta disso, vemos que ela não é uma coisa, não é algo que eu possa também olhar de modo dual, separado. Podemos pensar, “bom, a proliferação de pensamentos e as várias bolhas que seja, elas são o problema. Então vou tentar suprimir isso”. Aí ele diz “se você forçar a supressão do processo de pensamento, focando sua mente unifocadamente em coisas tais como, um pau ou uma pedra,”, ou seja, shamata, focamos e tentamos parar, porque se eu para aquilo que não é, eu termino vendo aquilo que é, “muitos pensamentos obsessivos surgirão, como se você tivesse bloqueado um canal de irrigação. E seu corpo fala e mente podem tornar-se intensamente desconfortáveis. Nesse caso, relaxe um pouco e contemple”, aí é como se aquela experiência tivesse se concluído. Então, não deu certo, aquilo se tornou muito desconfortável, ficou bloqueado, não funcionou. Aí ele começa outro tipo de sugestão. “Nesse caso, relaxe um pouco, e contemple seus pensamentos à distância”. Antes ele estava tentando suprimir, então agora ele viu que não dá pra suprimir, aquilo vem. “Nesse caso relaxe um pouco e passe a contemplar os próprios pensamentos como alguém que observa à distância. Observando claramente o que surgir”. Ele vai trazer esse raciocínio que já ouvimos de Dudjon Rinpoche, que aliás é de Dudjom Lingpa. Ele diz: “aquilo que observa é chamado de consciência.” Agora estamos não só observando os pensamentos, mas também observando a observação dos pensamentos. Estamos observando a mente enquanto ela observa os pensamentos.

Então, aquilo que observa a mente enquanto ela produz pensamentos, é chamado de consciência, ou lucidez. Dudjom Rinopche usa a palavra rigpa. “Aquilo que é observado, é chamado de movimento. Repousar nesse estado é chamado estabilidade”. Tenho estabilidade, movimento e lucidez. “Identifique-os como tal, e medite nisso”. Então, na verdade, ele está nos convidando para ficar nesse lugar livre, onde nós vemos quando a mente está estável, quando se move, e somos conscientes dessa condição de rigpa que vê isso acontecer. Temos os pensamentos, a estabilidade, e temos a observação dos pensamentos. E nesse caso podemos ver que há estabilidade ou há movimento. Mas nós não apenas estamos vendo se há estabilidade ou movimento, mas estamos vendo que estamos vendo que há estabilidade ou movimento. Então nós estamos vendo que há uma consciência sobre estabilidade e movimento. E nós chamamos essa consciência de rigpa. “Consequentemente, quando estabilidade, movimento e consciência se fundem em um”, ou seja, vemos que a estabilidade ou movimento e a consciência sobre eles, a estabilidade é a mente estável, ou movimento é a mente em movimento. A consciência sobre a estabilidade e o movimento é a mente. Quando temos a consciência sobre o próprio rigpa, tudo isso se funde em uma única mente, isso é a mente. No Lakavantara Sutra, o Buda diz “a mente se apresenta como objeto e como observador”. “Consequentemente, quando estabilidade, movimento e consciência se fundem em um, e todos os pensamentos discursivos são autoconscientes e autoiluminadores, eles são vistos pela própria mente, medite identificando isso como lucidez. E quando os pensamentos automaticamente se dispersam em todas as direções”, então é um processo como originação dependente, “medite identificando isso como a mente da não lucidez: Avydia. Marigpa”. Então nós temos rigpa e marigpa. “Fazendo isso de acordo com o grau de agudez de suas faculdades, várias experiências meditativas como êxtase, luminosidade, vacuidade, estabilidade, certamente ocorrerão. Justo como sempre tem sido como a natureza da lua, ir de cheia à nova, assim é da natureza da mente estar periodicamente feliz ou triste”. Ou seja, ela vai adquirindo diferentes aspectos. “Assim, sem esperança ou medo, rejeição ou aceitação, negação ou afirmação, não perca sua própria referência nessa luminosidade e cognoscência.” Ou seja, não perca isso que você está vendo, que é a luminosidade que vai se manifestando como a múltiplas aparências, e a cognoscência com respeito a esse fenômeno, que é essa lucidez interna que vê esses fenômenos. Esse é um ponto crucial. “As experiências meditativas e aparências desaparecem por si próprias”. As experiências meditativas e as aparências flutuam. “Perdendo nitidez, incapazes de sustentar a si mesmas, como ilusões e sonhos”, ilusões e sonhos não sustentam, eles surgem e cessam, “assim reconheça isso”.

Temos esse aspecto cognoscente, que vê essas flutuações. Esse aspecto cognoscente incessantemente disponível. Temos sempre a luminosidade e o aspecto cognoscente. Mas todas as experiências de meditação que possam surgir, todos os conteúdos que possam surgir nas várias experiências, eles são transitórios. São como ilusões e sonhos, “assim, reconheça isso”.

“Se você alimentar, refutar ou afirmar esperanças e medos, tomando isso como se fosse real, ou se se tornar apegado, fixado em experiências que surjam durante a própria prática, como êxtase, luminosidade, vacuidade, sonhos ou percepção sutil extra-sensorial, isso conduzirá você a erros e obscuridades”. Então, se nos fixarmos, essa fixação dá solidez à aparências. Essa solidez, quando encontradas, elas são os referenciais que nos permitem fazer novos pensamentos a partir disso. Elas se tornam elas mesmas obscuridades mentais. Obscuridades toldam a liberdade, se tornam referenciais que substituem a liberdade e permitem desdobramentos subsequentes. Então, mesmo que sejam experiências como êxtase e luminosidade, a vacuidade, sonhos ou percepção sutil extra-

sensorial, se dermos solidez a isso, isso vai se tornar fonte de erros e obscuridades. “Assim, reconheça isso.” Que ele tinha reconhecido? Como ponto crucial? Não perca a própria referência nessa luminosidade cognoscência. Estamos olhando a luminosidade como se a gente não se fixasse nas aparências específicas. E olhamos a cognoscência como aquilo que reconhece a multiplicidade das aparências e reconhece o que a mente está fazendo. É um aspecto livre também. Ele não é um conteúdo, mas é uma ação.

Ele conclui esse argumento, que é uma instrução super preciosa, válida, super importante. Mas aí, ele retoma numa outra direção, que é parecida, como se ele quisesse enfatizar o ponto que, quando, por exemplo, nós vamos meditar ou formos gerar a lucidez final, será que ela se apresentaria como uma manifestação que eu pudesse ver? Isso numa outra tradição seria assim, será que eu vejo Deus, Deus aparece? “Lá está ele! Estou vendo!” Algo assim? Por exemplo, estou meditando, se eu fizer tudo certo, de repente, tcharam!, o céu se abre e eu “uau!”, vejo alguma coisa. Será que vai ser isso? Aqui é o argumento desse parágrafo, de uma linha de raciocínio, porque podia ser, né. Então, por exemplo, estamos meditando. Se eu fizer tudo certo, tcharam!

Aí ele diz: “agora, eu ouvi que os antigos dizem que a meditação é o caminho perfeito dos Budas”. Isso parece o zen, né. É o caminho fácil, medita. Você vai usar a mente da iluminação. “Ouvi que os antigos dizem a meditação é caminho perfeito dos Budas. Assim, pensando cuidadosamente sobre isso, concluí que pode ser que isso pudesse ser visto com os olhos”. Como se fosse tangível. “segurado com as mãos e ouvido com os ouvidos. E se esses velhos monges puderam chegar a isso, então eu certamente seria capaz também.” Agora é minha hora, essa parte, “agora é minha hora”, não está no texto, mas é mais ou menos isso (risos). “Assim, eu fui para uma região solitária e remota. Apoiei minhas costas contra uma rocha vermelha, e fiquei três dias olhando o que havia em frente a mim”. Então, basta ver com clareza o que está na frente. Ele não podia ter se encostado à rocha, esse foi o problema (risos), porque eles dizem arranje um tapete, não se encoste em nada, ponha uma almofada redonda, e olhe tudo está ali. Mas ele se encostou. “Quando estava sonolento, no final do dia, uma criança branca”, essa criança é Vajrasatva, “e perguntou ‘por que você está sentado aqui?’ Eu respondi: estou sentado aqui esperando se consigo ver algo que se assemelhe”, seria assim, se assemelhe à culminância, realidade que surge na meditação. Aqui está algo que se assemelha à meditação.

“A criança fechou os olhos e cantou essa canção”, lá vem mais um louco (risos). Daqui eu vejo que foi isso que ele pensou, essa criança, mas ele não disse isso. Ele disse mais ou menos. Ei, você, o cego que aspira entrar no caminho autêntico, ouça”. então agora ele dá uma transmissão, “você é o cego que aspira entrar no caminho autêntico, ouça, o corpo é como um saco de papel soprado pelo vento”. Essa é a transmissão, a iniciação do vaso. Que clarifica o corpo. É super importante isso. Não é só ouvir isso, precisaria perceber que o corpo mesmo não tem vida, ele ganha vida, o corpo ganha vida pela luminosidade. “Então o corpo é como um saco de papel assoprado pelo vento”. Essa luminosidade, por sua vez, é a própria luminosidade da mente. “A fala é como ar passando por uma flauta”, não vamos conseguir pegar coisa alguma. O som surge, mas o som que ouvimos é inseparável da própria mente. Porque tem apenas o ar e a flauta. “Essa mente é o criador tanto do samsara quanto do nirvana”, a mente não é um aspecto ou outro, a mente é o que está produzindo todas as aparências como o samsara e o nirvana. “E entre esses três, o corpo, a fala e a mente, veja qual é o preponderante, qual é o crucial”. Poderíamos pensar, bom, o corpo, ele sendo algo consistente, ele determina a fala e também é o cérebro que determina a mente. é... mais ou menos, né... a fala, ou seja, o som, ele produz o corpo, e

produz a mente. Menos, né... aí é a mente assopra o corpo e assopra a flauta. E ela produz samsara e o nirvana, logo a mente é preponderante.

“Haverá um longo tempo de espera antes de você ver ou ouvir algo que se chame meditação”. Ou seja, vai passar um longo tempo antes que as aparências lúcidas possam surgir. Ele estava sonolento, né. “Quando eu ouvi essas palavras”, ele se encostou e ficou sonolento e apareceu essa criança branca, que falou e quando terminou ele despertou, podia ter despertado antes. “Eu refleti e vi que a mente é preponderante. Mas não sabia o que fazer a seguir”. Tcham, realmente! Esse é um ponto dentro dos ensinamentos, a mente é preponderante, crucial. Quando estamos no Satipatana sutra, olhando o corpo, sensações, tudo aquilo ali convergir pra mente. Eu acho que se simplesmente pensarmos que a mente é preponderante, tudo bem, mas se não tivermos a maturidade disso, quando, por exemplo, nos levantamos na meditação e começamos movimentar o corpo, tudo que aparece ao corpo se torna superimportante, a gente reage de um modo automatizado, então não temos essa liberação, podemos ouvir sobre isso, mas se não meditarmos de fato extensamente, não vamos resolver. Precisamos resolver o corpo, todos os órgãos dos sentidos, temos que ter essa clareza. E esse é o roteiro do Satipatana, do Anapanasati também. Do Mahasatipatana.

“Então, eu refleti e vi que a mente é preponderante. Mas não sabia o que fazer a seguir”. Aqui é um grande pulo, não precisaríamos simplesmente considerar que isso está resolvido. Isso ele viu, mas nós talvez não temos visto. Quando a gente bate o dedo, nós vemos que a mente. Quando as coisas acontecem a gente entende que é a mente, “Assim, alguns dias depois e num sonho noturno, um yogue dizendo ser o vajra nascido no lago de Ordjen”, casualmente Guru Rinpoche, ele tinha cada sonho! “colocou um vaso na minha cabeça”, deu a iniciação do vaso, que é a iniciação do corpo e disse “as obscuridades de seu corpo de juventude foram purificadas, e com essa iniciação do vaso, seu corpo foi amadurecido como um nirmanakaya”. Esse é um ponto super importante, se a gente fizer diligentemente a prática do Satipatana com respeito ao corpo, sensações, etc., podemos chegar à maturidade do corpo de juventude. Vocês olhem assim: corpo de juventude como um conjunto de manifestações que sustentam a própria vida. Se nós localizarmos essa vitalidade que sustenta o próprio corpo além dos condicionantes que estão presentes, quando as obscuridades, as condicionantes e fixações ligadas à própria experiência de corpo, forem superadas, nós ficamos com o brilho e a energia que sustenta, que assopra esse corpo de papel, esse saco de papel. Quando isso acontece, a energia que movimenta esse saco de papel não vem mais pelos condicionantes apenas, não vem através de condicionantes. Ela vem de modo direto, e não tem perturbação. Nesse sentido, o saco de papel em pé soprado, ele é um nirmanakaya, não é como o que acontece com as crianças com as pessoas todas, que qualquer coisa ilusória a enche de energia e se movimenta aquilo. Se tirarmos as coisas ilusórias, elas entram em depressão. A pessoa sempre precisa de alguma coisa ilusória para aparecer. Mas o corpo nirmanakaya, o qual ele recebeu a transmissão, é um corpo que se levanta sem obscuridades para a sustentação.

Então, isso é chamado corpo de juventude, porque esse aspecto luminoso que sustenta, não é algo que dependa de fatores condicionados que flutuam, então é corpo de juventude. Ele é algo que se mantém, é o quarto tempo, não pertence aos três tempos. Ele não sucumbe. Esse é o momento em que a manifestação de corpo se conecta diretamente com a fonte primordial que sustenta. De modo geral, não é o que acontece conosco. Ele diz “as obscuridades de seu corpo de juventude foram purificados. Com essa iniciação do vaso, seu corpo foi amadurecido como nirmanakaya, e eu o nomeio meu regente”. Então,

nesse momento, Dudjom Lingpa sente que a vitalidade que se manifesta nele vai expressar a natureza primordial que é essencialmente inseparável do próprio guru Rinpoche. Nesse sentido, ele se torna um regente. É uma emanção nesse momento desse aspecto primordial, que enfim, é Guru Rinpoche. Então, Guru Rinpoche vai dizer “eu nomeio meu regente”. Mas aquilo é nirmanakaya, tem outras coisas ainda pra resolver. “Agora você precisa ver de onde essa mente surgiu. Onde ele está?” É como, já que ele não tem aparências, mas agora tem um lugar. “De onde essa mente surgiu, onde está agora? Para onde vai ao final?”, ou seja, seria alguma coisa tangível, mesmo que ela não vire uma aparência? Ela seria localizável, tangível? No caso de uma outra tradição, seria assim, ‘bom, Deus é tangível? Eu posso não o ver, mas ele está em algum lugar tangível, localizável. “Agora você precisa ver de onde essa mente surgiu, onde está agora, para onde vai ao final, meditação é isso”. “Então ele apareceu dissolver-se em mim”. Esse é um ponto interessante, ele tem essa fusão com o próprio guru, no caso, Guru Rinpoche. “Com isso, Dudjom Lingpa se sentiu existindo inseparável do próprio Guru. Que é a bênção da transmissão nirmanakaya, do corpo. “Em outra noite, em um sonho, um yogue de cor vermelha denominando-se fala vajra de Ordjen, “Guru Rinpoche de novo fantasiado de vermelho, “disse: ‘filho, foque sua mente firmemente em mim, faça um esforço de cortar os pensamentos’. Como resultado dessa tentativa, fracasso, os pensamentos brotaram ininterruptamente, assim eu disse a ele que não era capaz disso”. Aí, o fala vajra de Ordjen disse: ““você consciente desse brotar”, você está vendo esse brotar, “sou, respondi”. Bem, tais pensamentos são chamados de movimentos. O que os reconhecem é chamado de lucidez. Manter-se nesse conhecimento é chamado estabilidade. Nunca separe desses três””. Essa é a prática, agora. Ele reconhece o movimento e isso é a prática da lucidez. Manter-se nesse conhecimento chamado estabilidade.

A palavra que o Allan Wallace usa pra isso é “awareness”, isso é super importante, porque isso é um código convencional, que vamos usar palavras. Sendo que Dudjom Rinpoche vai usar o mesmo tipo de raciocínio e vai apontar esse aspecto como rigpa. Eu usei a palavra lucidez, awareness, mas a palavra é rigpa. Eu acho a palavra rigpa essencial, até mesmo porque Dudjom Rinpoche usou, eu acho super bom usar. Mas rigpa nos conecta nos ensinamentos todos. Eu sei que rigpa é aquilo que vai dissolver marigpa, fonte dos 12 elos da origem dependente. Então é super importante entendermos esse ponto. “O que os reconhece é chamado de lucidez. Manter-se nesse conhecimento é chamado estabilidade. Nunca se separe desses três. Com essas palavras, ele borrifou-me com uma ambrosia de uma copa de crânio”. Esse é uma iniciação que ele usa esse aspecto simbólico, copa de crânio, ambrosia, ali tem um pouco de álcool. “E disse, com essa iniciação secreta, sua fala foi amadurecida com a fala vajra”. Esse processo flutuante de imagens, ele é inseparável da própria fala, a fala da expressão desse conjunto, a fala do som que acompanha esse fluxo de movimentos. Como uma clareza e uma liberdade em relação a esse fluxo de movimento, então esse fluxo de movimentos está sendo visto, clarificado, desde um lugar que não se move. Que é o lugar de onde rigpa surge, aqui chamado de estabilidade. Então, a fala vajra é a clareza quanto a isso. “Com essas palavras, ele borrifou-me com ambrosia de uma copa de crânio e disse: com essa iniciação secreta, sua fala foi amadurecida como a fala vajra”. Corpo vajra, fala vajra, são a transmissão de guru yoga, quando a pessoa tiver o corpo, fala e mente, ela está inseparável do guru. Porque o guru é aquele corpo como nirmanakaya, a fala vajra correspondente a sambogakaya, então o guru vai ser descrito desse modo. É como se a inseparatividade de Dudjom Linpa com Guru Rinpoche tivesse avançado mais um trecho.

“Então, ele pareceu dissolver-se em mim. Após três anos, em um sonho novamente, uma jovem mulher colocou treze sementes brancas de mostarda em um espelho límpido e brilhante e disse “Guarde esse espelho no seu coração. Essas sementes de mostarda são um sinal e um presságio, indicando que no futuro seus discípulos se tornarão vidiadaras””. Então, ele tem um espelho límpido perfeito no coração. Isso é a mente, ali tem treze sementes, que ele guarda também no coração. Que são um sinal e um presságio indicando que no futuro seus discípulos se tornarão detentores da visão, vidiadaras. Então eu tenho rigpa e tenho marigpa. Marigpa é a ignorância, perda da lucidez. Rigpa é lucidez, as palavras em sânscrito pra isso são avydia, que é perda da visão, marigpa e vydia, que é a lucidez. Então vidyadaras são os detentores da visão, detentores da lucidez. No futuro, seus discípulos de Dudjom Lingpa se tornarão vydiadaras. “Colocando isso em meu coração, ela cantou essa canção. Que maravilhoso. Filho da clara luz da essência vajra”. Ele agora está recebendo a terceira transmissão, corpo, fala, e agora a mente. “Que maravilhoso, filho da clara luz da essência vajra”. Ele agora se torna manifestação corpo, já era o saco assoprado da natureza vajra, natureza última. A fala já era esse som da natureza última. Agora, ela vai dizer, sua própria mente é a base de todo samsara e nirvana, filho da clara luz da essência vajra. Agora eles se completam, como uma manifestação da essência vajra de corpo, fala e mente. “Filho da clara luz da essência vajra, sua própria mente é a base de todo o samsara e nirvana”. Ele também podia dizer que a mente não é outra coisa, não é as aparências, ela não tem aparência, a forma de reconhecer a mente não é nas aparências. A mente surge como aquilo que produz as aparências. Então, sua própria mente é a base de todo samsara e nirvana, ele está dando a transmissão e como é que surge as aparências, que então manifesta mente? Ela surge pela luminosidade, isso é a clara luz, filho da clara luz da essência vajra, ele mesmo surgido como manifestação da clara luz. “Filho da clara luz da essência vajra, sua própria mente é a base de todo samsara e nirvana. A origem da qual ela primeiro emerge, é vazia”, ou seja, não há um condicionante que produza o surgimento da mente. Então a origem é vazia. O local onde essa mente se apresenta não tem conteúdo, ele é vazio. O local onde está agora é vazio, e a localização para o qual finalmente ela vai, pra onde que ela vai? A mente não tem localização, ela não vai para lugar nenhum. O local que ela vai é vazio. “Perceba a natureza essencial da vacuidade”. Bom, há essa vacuidade da mente, local de onde ela emerge é vazio, o local de onde ela vai é vazio. Agora, onde ela está, é vazio. Então, há essa manifestação extraordinária, sem características. Ela não tem características. “Perceba a natureza essencial da vacuidade, ela não tem aparências. Não tem forma, cor ou fonte. Não é uma ou muitas e nem é emanado ou reabsorvido”.

Por que a jovem, uma dakini, está dizendo isso? Porque ele pode ter a sensação de que o aspecto primordial é alguma coisa em algum lugar. Ela está esgotando as possibilidades de aquilo ser alguma coisa em algum lugar. Eles vão convergir para noção de não dualidade. “Transcende os parâmetros de existência e não existência”. Se a gente afirmar a existência, a gente teria que apontar, se afirmar a não existência, como é que aquilo se manifesta? “É vazia de palavras convencionais de negação e afirmação. Espontaneamente manifesta como a grande vacuidade”, Kadag. “É um espelho que transcende causa e condições, e que é capaz de dar origem a todos os tipos de mágica”. Essa é uma analogia muito interessante, é como um espelho. Ele mesmo transcende as causas e condições das aparências que surgem dentro dele. Ainda que apareçam causas e condições dentro do espelho, é como estarmos vendo um filme numa tela de TV. A tela de TV está além das causas e condições que ela mesma apresenta. Então é um espelho, é como o cinema, ela produz a luz sobre uma tela, mas não importa as explosões que ocorreram na tela. Não afetam nem a luz nem a tela. Ela transcende as causas e condições que é capaz de dar

origem, ela transcende aquilo. “É um espelho que transcende causas e origens, e que é capaz de dar origem a todos os tipos de mágicas”.

“Ainda que surjam aparências luminosas ou negras, o caráter de sua natureza essencial não muda”. Isso é uma analogia para a mente da lucidez prístina. “Não veja a mente, a lucidez prístina, como dois fundamentos”. Não há mente, há lucidez prístina. “Não veja a mente e a lucidez prístina como dois fundamentos, não confunda a lucidez prístina com a mente, a mente se refere a algo projetado pela lucidez prístina”. A mente então enquanto aparências. “A noite não ocorre durante o dia. O dia não ocorre durante a noite. O espaço não se torna nem o dia e nem a noite”. Quando o dia vem, o espaço clareia, uau, agora o espaço está claro. Quando vem a noite, o espaço escurece. Bom, agora eu sei, o espaço é escuro. Mas o espaço não é claro nem é escuro. “A mente se refere a algo projetado pela lucidez prístina, a noite não ocorre durante o dia, e o dia não ocorre durante a noite. O espaço não se torna nenhum desses. Distinga entre a mente e a lucidez prístina desse modo. Observar o pensamento após o outro, é o caminho de atingir shamata. Mas assim, você não entra no caminho autêntico” (0:49:19).

Espelho

Quando a gente tenta interromper e se fixar, isso não é o caminho autêntico. Não consigo localizar o aspecto primordial, a lucidez prístina, não consigo localizar. Na verdade, a shamata essencial para que ganhemos a mente, para poder depois ir adiante. “Também, sustentar sua própria consciência de luminosidade e cognoscência faz os pensamentos liberarem a si mesmos”. Aí nós nos mantemos em luminosidade e cognoscência. Aí os pensamentos se liberam. “Mas assim você não atinge diretamente o ponto. Olhe, identifique a lucidez prístina da base. Oh filho da sabedoria e lucidez prístina, o tesouro do secreto das dakinis é sua herança”. Ele entregou totalmente, a dakini deu a transmissão da mente. Da lucidez prístina da base, entregou completamente. Deu a iniciação.

“Com essas palavras, ela dissolveu-se juntamente com o espelho. Em meu coração, em meu corpo, fala e mente, ficaram preenchidos de alegrias e êxtase. Essas palavras se tornaram minha compreensão. Assim, mais uma vez eu meditei ardentemente no tema da luminosidade e cognoscência”.

“Consequentemente, por vezes, parecia como se aquilo que aparecia e aquilo que era consciente de modo não dual se dispersaram para fora, e convergiam para dentro, novamente. Em outras ocasiões, aquilo que aparecia e aquilo que era consciente eram objetificados de modo não dual e espontaneamente, então, naturalmente desapareciam. Em outras vezes, aparências e lucidez não eram dualmente autoemergentes e dissolviam-se, de tal forma que eu entendi que elas não eram projetadas desde o corpo. Eu entendi que essas experiências eram atribuíveis à fixação, à base da existência como se ela fosse um objeto”.

Então esse ponto também é super importante. Ele podia dizer o que não é. “Então meus modos anteriores de fixação naturalmente enfraqueceram, e eu repousei na grande vastidão espontânea da base originalmente pura da existência”. Zantal. “Todas as coisas que surgiam como sua expressão criativa naturalmente se liberavam em sua própria vastidão. Essa natureza essencial junto com suas expressões criativas, são livres de modificação”. Ou seja, não é necessário modificá-los. “São livres de antídotos”, não é necessário neutralizar. “São livres da prática de meditação”. Não é necessário nada

artificial. “São livres de memória, fixação e identificação. Então essa natureza essencial, junto com suas expressões criativas, que são livres de modificação, antídoto, prática de meditação, memória, fixação, identificação, é chamado caminho da lucidez prístina. Esse momento, com a ausência da atividade mental, ali estava a realidade última. Todas as esperanças, medos, negação e afirmação, dissolveram-se no espaço absoluto. Havia a consciência primordial autoemergente. Sem procurar, havia a natureza essencial da realidade, espontaneamente apresentada. E o modo de ser do grande darmakaya, livre de todos os extremos, parcialidade, ir e vir”.

Bom, paramos aqui. Não falta mais nada. “Como o sol, elevando-se no espaço do céu livre de contaminações, consciência primordial, lucidez primordial, desperta na natureza de sua própria base, autoemergente, não modificada, e todas as aparências de suas expressões criativas, liberaram-se sem serem de modo algum modificadas ou transformadas. Tal liberação natural é ilustrada pela analogia da não dualidade do sol e seus raios”. Então as aparências são inseparáveis da própria manifestação, da própria natureza geradora. Os raios e o sol são inseparáveis. “O substrato, como a natureza essencial da mente, é escuro como a noite. Os pensamentos surgem como apego dualístico ao apreendedor ao que é apreendido. E a identificação íntima com alegria e tristeza, é como a retificação de um sonho como verdadeiramente existente. Não é da natureza essencial do céu mudar o curso do dia e da noite. Mas sua natureza manifesta é afetada pelo sol. De modo semelhante, em termos de sua natureza essencial, a mente não muda. Mas surge uma distinção entre a lucidez intrínseca e a mente que surge como as aparências. Baseada na distinção entre a consciência primordial e a ignorância”. Se a gente não quisesse chamar de ignorância, é mais fácil de entender. Porque ignorância tem uma sensação que tem um defeito, enquanto que se nós chamarmos de consciência primordial e consciência primordial se manifestando a partir de condicionantes, isso seria o que chamaríamos de consciência primordial e ignorância. Mas não existe uma base pra ignorância que não a própria consciência primordial, ela se manifestando como luminosidade, ela produz as aparências. Então o conjunto de aparências não tem nenhum defeito, ele é apenas o conjunto das aparências. Isso é o que nos permite entender a inseparatividade de samsara e nirvana.

A base é de onde tudo do samsara e nirvana emerge. Como o espelho que habilita o aparecimento de todos os tipos de aparências. Por um lado, todo o samsara e nirvana consciência e de expressões criativas da base. Que em sua própria natureza essencial, são primordialmente perfeitas. Por outro lado, penso que seja contraditória essas expressões criativas estarem totalmente presentes em certos momentos, desaparecerem em outros. Algumas pessoas dizem que os pensamentos são momentos da lucidez intrínseca e que tudo do samsara e nirvana estão neles. Outros nomeiam a mera autoconsciência e os pensamentos autoiluminadores como lucidez prístina genuína. Outros ainda dizem que a luminosidade e a cognoscência são a grande perfeição, como o brilho de um raio”.

“Eu penso, entretanto, que seja incorreto dizer que sejam quais forem os pensamentos que surjam com a finalização de cada um, todo o samsara e nirvana se tornam totalmente presente então desaparece. Pois todos os pensamentos estão destinados a desaparecerem, se fosse assim com o transitório surgir e desaparecer dos pensamentos, está claro que o samsara e o nirvana nasceriam e desapareceriam de modo demasiadamente frequente. Veja que as aparências autoliberadas das expressões criativas da lucidez intrínseca escorregam, deslizam diretamente para a natureza essencial, dissolvendo-se de volta no seio primordial como as ondas do oceano que naturalmente dissolvem-se de volta no oceano sem ir para outro lugar. Ainda que eu tenha praticado desse modo”, ele estava

vendo tudo assim, estava iluminado, tudo explicado, “quando eu encontrava mesmo um tema menor”, localizava uma coisa menor, “eu perdia minha referência na natureza da existência e retornava aos estados originários”. Ou seja, ele tinha essa super clareza, mas quando ele se levantava, se movia, ele voltava à operação comum da mente. “Por exemplo, quando estava sozinho e nu na natureza, se eu ficasse amedrontado com quando os vários animais ferozes e selvagens emitiam seus rosnados terrificantes, não era diferente de uma pessoa comum. Nesse caso, não havia modo algum que eu pudesse ser liberado, no período intermediário de tal meditação” ou seja, ele dava um sentido denso, aí ele vinha pra aquela meditação, ele não conseguia ultrapassar. Então, com o coração cheio de fé e reverência, eu rezei ao meu Guru, o vajra nascido do lótus. Por favor, ofereça imediatamente instruções práticas para lidar com tais circunstâncias. Adormecendo com imensa devoção em um sonho, eu tive a visão de Dorje Drolo de Ordjen, que apareceu em uma expansão de fogo abrasivo e luz e recitou a melodia da canção do seu HUNG”. Estava faltando um detalhe, tal como tudo completamente explicado, mas as explicações dele vinham como um estado específico. E esse estado específico podia ser derrubado por algum evento, então surgindo um evento ele perdia aquele estado específico, perdia explicação, e ele ficava frágil, esse é o problema. Aí ele se deu conta disso. Aí ele rezou para Dorje Drolo, que apareceu num expansão de fogo abrasivo e luz, a aparência irada de Guru Rinpoche. Ele já tinha corpo, fala e mente inseparados do Guru. Mas isso ainda era estados particulares que surgiam, e ele se perdia facilmente. Então ele pede para Dorje Drolo, como resolver isso.

Dorje Drolo diz: “HUNG, HUNG. Supremo ser, vajra da lucidez prístina”, ele se referiu a Dudjom Lingpa como vajra da lucidez prístina, supremo ser, “você entende a interconexão dos três mundos do samsara como a fixação dualística do observador e objeto?”. Então ele começa a trabalhar o aspecto da dualidade, da dualidade enquanto uma artificialidade. “Então você entende a interconexão dos três mundos do samsara, com a fixação dualística do observador e objeto”, ou seja, você entende os três mundos do samsara, eles aparecem a partir da dualidade da mente? Ou seja, todas as aparências, sejam quais forem, elas são a manifestação dual da mente quando a mente opera de modo dual, ela produz aparências e ela vê as aparências, então a mente é uma mas elas se dividem entre o que é visto e o que vê. Então, essa observação de Dorje Drolo nesse ponto, na verdade está apontando para o aspecto primordial que não é afetado pela dualidade aparente. Então, Dudjom Lingpa tem a compreensão daquilo, mas ele mesmo não está no refúgio da natureza não dual que se abre numa dualidade, mas quando a dualidade se abre, ele escolhe as aparências, sem perceber que o aspecto não dual ele não precisaria esperar escolher as aparências. Quando ele escuta o rugido, ele opera de modo dual, imediatamente ele vai usar referenciais cármicos que se manifestam no próprio corpo, ou a partir do próprio corpo dele, e esses referenciais cármicos dão um sentido e sustentam a experiência dual e ele começa a viver um filme dentro daquilo, ele não se dá conta que se o corpo dele for trucidado, todo esse aspecto que possa acontecer se dá sem afetar a natureza não dual livre da própria existência dele. Se ele não tiver essa compreensão, ele pode facilmente ficar sobre o domínio do observador que surge naquele processo. Isso significa que ele está operando os condicionantes a partir das experiências de corpo. Então, essa explicação, essa intervenção de Dorje Drolo, trabalha nesse sentido. “Você entende a interconexão dos três mundos do samsara com a fixação dualística do observador, do objeto?”, em outras palavras, veja tudo que possa aparecer como algo a ser visto, é uma manifestação dual que cria também o próprio observador nisso. Se a pessoa se torna esse observador, ela vai viver aquilo como quem vive um filme que está sendo visto (1:08:39).

Condição não dual

Na verdade, ele quer introduzir Dudjom Lingpa na condição não dual que está livre das fixações dualísticas e pensamentos que podem surgir do observador. “Você entende o objeto e o sujeito como dois pensamentos?” Ou seja, você entende o objeto que surge e o observador como manifestações criativas luminosas da própria mente? Como dois pensamentos? “Você entende as alegrias e tristezas dessa vida e vidas futuras como experiências delusivas?”. São as experiências do observador. “Você entende isso? Se ele entende, quem é que entende? Não é o observador, mas sim a natureza livre, é rigpa. Então ele está apontando sempre para perspectiva de rigpa, de tal modo que Dudjom Lingpa surja como rigpa, e rigpa surja totalmente livre das experiências do corpo e das sensações e de olhos, ouvidos, nariz, língua tato, etc., que é o que contemplamos dentro do Satipatana Sutra.

“Você entende as experiências diurnas, aparências noturna, mundo físico e seus habitantes sencientes dessa vida, como sendo experiências de sonho e aparências delusivas? E sabe que elas são igualmente reais? Vasto como um mundo e seus habitantes sejam, eles não se estendem além do espaço. O que nos dá a sensação de existência”, tudo isso é a intersubjetividade, esse é um ponto crucial, porque a gente pode dizer ‘bom isso é vacuidade, mas espera aí, minha mãe está lá me esperando em algum lugar, e se eu não fizer isso, vai dar aquilo. Esse é o aspecto da intersubjetividade, mas não importa o que aconteça dentro disso, qualquer circunstância que venha a acontecer não afeta o aspecto não dual primordial. Que é o lugar onde tomamos identificações e refúgio. “Ainda que o espaço não tenha periferia ou centro, ele não se estende além do âmbito da lucidez pristina”, então a lucidez pristina alcança tudo, em todas as direções. “As terras de Buda e os budas excelentes são a face de sua própria base, a natureza da existência”. Então as próprias terras de Buda, as mandalas, as terras puras todas, e os budas, são a manifestação, são a face da própria base pristina. A natureza da existência.

“não confunda os budas como se fossem seres autônomos”, dentro daquele cenário.” “Eu eliminarei os erros dos maras acima”. Então todos aqueles aspectos que ele identifica ele chama de maras. Ou seja, obstrutores, os enganos. como esses obstrutores e enganos surgem com inteligência específica, com argumentação e formas de olhar, eles são personificados como maras. Como Mara. Mas aí não é apenas Mara, são Maras, muitas diferentes aparências. Mas essas não são aparências. São aparências vivas, que raciocinam, que respondem, se movem dentro da nossa mente. Dentro dos mundos duais que passamos a operar, onde surgimos como observadores.

“Eliminarei os erros dos maras acima. Inimigos, demônios, más companhias e aparências, são experiências delusivas da fixação dualística, conceitual”. Então os inimigos, demônios, más companhias e aparências são experiências delusivas da fixação dualística conceitual. “Não as veja como mais do que reificação. Eu destruirei os erros dos maras abaixo. O dia e as aparências de sonho são reificados e fixados a nomes e coisas. Mesmo que você entenda vacuidade por você mesmo, você entende os pensamentos que surgem como a própria expressão de sua natureza pristina? Ainda que você entenda todo o samsara e nirvana, como a vastidão primordial do espaço absoluto da base, você os entende como aparências não duais da lucidez pristina? As aparências destas expressões criativas deslizam para a natureza essencial da pervasividade”, natureza que tudo permeia, que permeia uniformemente, “então as aparências das expressões criativas deslizam para a natureza essencial da pervasividade uniforme. Liberando-se nessa expansão”. Aqui é

como se ele estivesse descrevendo Zantal, a grande abertura que tudo penetra. Liberando-se nessa expansão. “Você entende que não é uma prática de meditação? Internamente, a ligação e fixação há um eu, externamente há fixação e prisão aos objetos. No meio, a meditação é imaterial. Você entende que as portas das condições internas e externas obscurecem a face da grande perfeição de samsara e nirvana? Você entende que as portas das condições internas e externas”, ou seja, a causalidade interna e externa, “obscurecem a face da grande perfeição do samsara e nirvana?”.

Então começamos é como se no meio de um filme, estamos olhando o aspecto causal da história e perdemos o foco extraordinário de como o conjunto das imagens surgem. Que a grande perfeição de todas as aparências, samsara e nirvana. “Primeiro, investigando, a compreensão surge. A seguir, meditando, as experiências correspondentes surgem.” Então, visão, meditação, “finalmente, ao repousar a realização virá”. Visão, meditação, fruição. “Uma vez que surja a realização, ela é não dual com a liberação simultânea”. Então, a realização, visão, meditação, ação. Aí fruição. Sem nenhum esforço, não dual com a liberação simultânea. “Objetos e sujeitos juntos, despertam no espaço da grande vastidão da mãe”. Então, aqui enquanto nós somos o sujeito olhando a multiplicidade das coisas e reconhecendo a vacuidade, nós ainda estamos sendo sujeito. Precisamos ultrapassar esse sujeito, por essa não dualidade, e quando essa não dualidade surge, usamos essa expressão que ele usou agora, que é “uma vez que surge a realização, ela é não dual com a liberação simultânea das aparências. Objetos e sujeitos juntos, despertam”. Sujeito, que está olhando, junto com os objetos, “eles despertam na grande vastidão da mãe”. Então ele vai chamar isso de grande vastidão da mãe. Ou seja, clara luz mãe.

Aí nesse ponto, só faz sentido descrever clara luz mãe como a experiência que substitui e clarifica a experiência do observador. Então, enquanto somos observadores dentro das condições da história, estamos afetados e vamos seguir as inteligências duais de tudo que aparece a olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Mas quando estamos operando desde a grande mãe, todas as aparências que incluem o corpo, incluem o observador e tudo que possa aparecer, elas são integradas nessa grande vastidão da mãe, onde não há essa grande vastidão da mãe como um espelho, não é afetado pelas imagens. Isso é o destemor. Ou seja, o espelho não é afetado pelas imagens. Aí Dorje Drolo, diz “minhas emanções e eu nunca fomos separados. Sua natureza essencial e a ilusão de minhas próprias expressões criativas. Como a dissolução das aparências de um ilusionista, elas são não duais no espaço absoluto, Peh! Peh!”

Então, aqui ele dá a transmissão com o Peh! “Como a dissolução das aparições de um ilusionista, elas são não duais no espaço absoluto. É como se terminasse o filme. Esse Peh vai surgir no Zen também, de modo variado. Ele representa a experiência que, quando um momento repentino ocorre, estamos com a mente relaxada e um ruído alto repentino ocorre, a mente é vista como aguda, mas não tem nenhuma sequência lógica, fica aguda nesse lugar livre, isso é considerada a transmissão da mente livre não dual. “Com essas palavras, ele tornou-se não dual comigo, e uma experiência brotou das minhas grandes aparências que permeiam todo o samsara e nirvana. Nesse momento em diante, devido a esse sinal, ouvi que essas eram instruções piedosas, para fazer colapsar a caverna falsa das aparências”. Essa é uma expressão maravilhosa.

O que são instruções piedosas? Aquilo é direto no ponto. Diferente de eu por exemplo, dar uma instrução “agora você senta e vê”. A pessoa pode ver e pode não ver. Mas instrução piedosa clarifica direitinho todos os meandros do que vai acontecer por dentro

da meditação. Ela clarifica isso. São instruções piedosas. Deste momento em diante, com essas palavras ele tornou-se não dual comigo e uma experiência brotou das minhas grandes aparências que permeia todo o samsara e nirvana. Neste momento em diante, devido a este sinal, eu vi que estas eram instruções piedosas para fazer colapsar a caverna falsa das aparências. Então, ele tendo olhado o aspecto não dual de todas as múltiplas aparências do samsara e nirvana com ele, ele viu isso, isso é o colapsar da caverna falsa das aparências. Ou seja, estamos dentro de uma bolha, quando essa bolha craquela e isso fica revelado como um aspecto não dual claro da natureza livre, e nós craquelamos juntos, enquanto observador, nos tornamos essa consciência prístina da base, que não está mais presa na história da aparência nem de observadores. Então, ele viu que tudo que ele ouviu até agora, pela instrução de Dorje Drolo, eram instruções piedosas para fazer colapsar a caverna falsa das aparências.

“Para levar isso um pouco adiante, primeiro, busque a fonte dos nomes; dois, destrua a fixação à permanência das coisas; três, faça a caverna falsa colapsar. Ela que já está primordialmente liberada no interior de nosso fluxo mental pelo conhecimento e realização completa de samsara e nirvana”.

Ele vai seguir essas três recomendações. Busque a fonte das palavras, destrua a fixação à permanência das coisas, e faça a caverna falsa colapsar. Isso é o tema a seguir.